3
A pulsão em Freud de 1905 a 1920

Em 1933, quando da conferência XXXII, sobre "Angústia e vida pulsional",[1] Freud nos diz: "a teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão" (Freud, 1933, p. 98).

Lacan define, a partir de uma referência a Lévi-Strauss, o mito como aquilo

> [...] que confere uma fórmula discursiva a qualquer coisa que não pode ser transmitida na definição de verdade, porque a definição da verdade não se pode apoiar senão em si mesma e é enquanto ela progride que ela a constitui. A palavra não pode se pode apreender a si mesma, nem apreender o movimento de acesso à verdade, enquanto verdade objetiva. Ela apenas a pode exprimir – e isto de modo mítico. (Lacan, 1953b, p. 47)

Em 1961, o autor vai mais além, afirmando que "os mitos são figuras desenvolvidas referíveis, não à linguagem, mas à implicação de um sujeito capturado na linguagem – e, para complicar as coisas, no jogo da fala" (Id., 1960-1961, p. 380).

Retomando a definição da pulsão como mito freudiano, Fernanda Costa-Moura (2007) propõe, a partir de Lacan (1959-60), que "a meditação freudiana está para o mito, tal como a meditação cartesiana está para a metafísica" (s/p). Segundo Costa-Moura, uma vez que Lacan emprega a construção 'meditação de Freud' – construção que ele vai retomar diversas vezes em seu seminário de 1959-60 sobre a ética da psicanálise – e, mais precisamente, a construção 'meditação freudiana' – empregada na lição de 13 de janeiro de 1960, lição na qual trabalha justamente a pulsão –, o autor estaria fazendo, de forma mais ou menos implícita, uma referência às meditações cartesianas.

Ainda segundo a autora, quando frente a um real inexplicável que não poderia caber em saber algum, real este que, enquanto tal, não passaria para o

[1] Em grande parte da *Edição Standard Brasileira* da obra completa de Freud, o termo *Trieb* foi, como bem se sabe, traduzido por 'instinto'. Assim, por motivos já expostos, sempre que citarmos uma passagem na qual na edição brasileira o que figura é 'instinto', o faremos substituindo-o por

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

simbólico, recorre-se à construção de uma narrativa. A narrativa do mito, oferecendo-se no lugar da explicação, ainda que não se confundindo com ela, chega, com um caráter inaugural, a fundar uma tradição simbólica passível de ser transmitida e não simplesmente herdada. Assim, o mito só tem valor para aquele que dele advém como sujeito, aquele que, a partir da tradição que o mito inaugura, pode responder como sujeito. Podemos então dizer que o mito se faz necessário quando o acesso à origem está barrado (Ibid.).[2]

A pulsão enquanto mito só adquire valor e fundamento a partir das conseqüências que de seu postulado para a prática psicanalítica. A pulsão vem representar aquilo que parece de fato incidir no real – real do corpo –, seja pelo sintoma, seja por um ato, mas que em sua origem permanece, enquanto tal, silencioso. Parece-nos ser, de certa forma, o que Freud quis dizer quando afirmou, em 1915, que, por um lado, a pulsão não é conhecida senão por sua meta e por outro, que se trata de um representante psíquico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

3.1
Der Trieb

Embora Freud comece a delimitar o conceito de pulsão – em alemão *Trieb* – e, sobretudo, de pulsão sexual, de forma mais explícita, consistente e central nos "Três ensaios sobre a sexualidade", de 1905, vemos o autor às voltas com o que é próprio de um funcionamento pulsional – e não instintivo – desde suas primeiras publicações. O termo inclusive começa a aparecer na obra freudiana já em 1890[3] (Garcia-Roza, 1999). Tratar-se-ia de um termo de uso comum em alemão (Ibid.) e, como já ampla e exaustivamente discutido na literatura psicanalítica, este, na obra de Freud, não equivale ao 'instinto' animal – *Instinkt* em alemão. Se a idéia

---

'pulsão'. Substituiremos, igualmente, 'repressão' por 'recalque', 'catexia' por 'investimento', 'ego', 'superego' e 'id', por 'eu', 'supereu' e 'isso'.

[2] É inclusive por isso que podemos fazer, como o assinala Ana Maria Rudge (1997) uma analogia entre as construções em análise e o mito. A partir do momento em que, em 1897, Freud desiste de atingir uma reconstrução fiel da 'realidade' do passado, dando-se conta de que essa reconstrução que o paciente faz por via de uma narrativa, contém "[...] apenas um fragmento deste passado, ele passa a apreciá-la por seu valor estratégico no tratamento; um valor certificado apenas por seus efeitos" (Rudge,1997, p7).

[3] De acordo com Garcia-Roza, o termo, antes de 1905, aparece algumas vezes na correspondência de Freud com Fliess, em seguida em 1895, no *Projeto para uma psicologia científica*, nos *Estudos sobre a histeria*, de 1893-95, num parágrafo do artigo "A sexualidade na etiologia das neuroses", 1898 e uma vez, na *Interpretação dos sonhos*, em 1900.

de instinto remete a "[...] um roteiro pré-formado, inato, de adaptação a um objeto natural [...]" (Rudge, 1998, p. 13), Freud não cessa, no decorrer de toda sua obra, de mostrar como a posição do homem em relação a este ambiente nada tem de natural. Trata-se de uma relação sempre mediada pela cultura e a linguagem.

A pulsão, *der Trieb*, aparece pela primeira vez com o peso que lhe cabe na teoria psicanalítica em 1905. Como indica Lacan (1964), o termo *Trieb*, tendo uma longa historia na psicologia, na fisiologia e na física, não fora escolhido por Freud ao acaso. Apesar disso, a noção de *Trieb* é na obra freudiana absolutamente nova. Segundo o autor, Freud

> [...] deu ao *Trieb* um emprego tão específico, e o *Trieb* é tão integrado na própria prática analítica que seu passado fica realmente ocultado. Assim como o passado do termo inconsciente pesa no uso do termo inconsciente na teoria analítica – no que toca ao *Trieb*, cada um o emprega como designação de um tipo de dado radical de nossa experiência. (Lacan, 1964, p. 182)

Segundo o *Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales* (CNRTL)[4], o termo *pulsão* teria surgido na França, em 1572, quando da tradução pelo escritor e tradutor renascentista Jacques Amyot das *Questões Platônicas* de Plutarco. O termo seria derivado do baixo latim *pulsio* e do latim clássico *pulsum* derivado de *pellere* e que designa o ato de impulsionar, empurrar.[5]

No entanto, é válido ressaltar, assinala Lacan (1964), que a tradução de *Trieb* por pulsão tampouco é inteiramente adequada:

> o *Trieb* não é o *Drang*, ainda que fosse somente pela seguinte razão. Em um artigo escrito em 1915 [...] Freud diz que importa distinguir quatro termos na pulsão. [O] *Drang* [...], o empuxe. A *Quelle*, a fonte. O *Objekt*¸ o objeto. O *Ziel*, a meta. (Ibid., p. 183)

Assim, a pulsão, nisso que remete ao empuxe (*Drang*) remeteria a somente um aspecto do *Trieb* em Freud. Voltaremos a isto quando tratarmos do artigo em questão, "A pulsão e suas vicissitudes".

Em Freud, o conceito de pulsão aparece no decorrer da obra estreitamente ligado aos conceitos de libido e de narcisismo, constituindo estes os três grandes eixos da teoria freudiana da sexualidade (Plon e Roudinesco, 1998) e, logo, tendo um lugar absolutamente central na teoria psicanalítica. Trata-se, segundo afirma Freud quase vinte anos após a introdução do conceito, da "[...] peça mais

[4] Cf. a página da CNRTL sobre a etimologia de 'pulsão' na internet.
[5] Cf. a página do dicionário on-line Larousse (www.larousse.fr), no verbete 'pulsão'.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

importante, mas também mais inconclusa, da teoria psicanalítica"[6] (Freud, 1905, p. 159), sendo até mesmo para ele "[...] um assunto obscuro" (Id., 1926, p. 255).

Interessa-nos percorrer neste capítulo e no seguinte os principais pontos na obra freudiana sobre a pulsão, uma vez que, como vimos anteriormente, podemos dizer que o silêncio está intrinsecamente ligado a este conceito.[7] Destacaremos destes textos somente o que julgarmos relevante para o desenvolvimento de nossa argumentação.

3.2
A sexualidade infantil e o texto de 1905

A idéia de uma sexualidade infantil em Freud é anterior aos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". Na época por vezes dita pré-analítica, a do *Projeto* e da correspondência de Wilhelm Fliess com Freud, este começa a desenvolver o que se tornará o conceito de libido psíquica e estabelece uma diferença entre as excitações externas para as quais existe uma ação específica para neutralizá-las e os impulsos de origem endógena, irrefreáveis pelo sujeito.

Freud defendia então a teoria da sedução segundo a qual encontraríamos na origem da neurose e, sobretudo, da histeria, uma causa sexual traumática e conflituosa decorrida de uma sedução durante a infância. Embora tenha abandonado a teoria da sedução em 1897 – com a famosa frase da carta 69: "Não acredito mais em minha neurótica" (Freud, 1897, p. 309) –, a idéia de um recalque de moções sexuais permaneceu.

Um ano depois, em 1898, com "A sexualidade na etiologia das neuroses", Freud nos diz da psiconeurose que

> sua verdadeira etiologia é encontrada nas experiências infantis, e [...] – exclusivamente –, nas impressões referentes à vida sexual. [...] As crianças são capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas (Freud, 1898, p. 266).

Freud afirma assim, de forma explícita, a idéia de uma sexualidade infantil. Além disso, o texto já traz importantes elementos que serão mais tarde retomados

[6] Trata-se de uma nota de rodapé acrescentada em 1924.
[7] Em função dos novos acréscimos, cortes e remanejamentos aos quais os textos freudianos eram recorrentemente submetidos por seu autor, sua abordagem não se presta tanto a uma cronologia. Foi então simplesmente por motivos de praticidade que optamos trabalhá-los e expô-los em função da ordem em que foram primeiramente publicados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

e desenvolvidos quando da construção da teoria pulsional propriamente dita. Vemos, primeiramente, a refutação, por parte de Freud, da idéia de uma predisposição neuropática particular, baseada na indicação de uma degenerescência geral. “A predisposição neuropática”, diz Freud (1898, p. 266), “sem dúvida existe, mas devo negar que seja suficiente para a criação de uma psiconeurose”. Segundo ele, a etiologia das neuroses não pode senão residir em experiências vividas na infância, sendo estas sempre ligadas a um encontro com a sexualidade. Em seguida, ao nos dizer que “no homem as forças pulsionais destinam-se a ser armazenadas, de modo que, com sua liberação na puberdade, possam servir a grandes fins culturais” (Loc. cit.), Freud parece estar esboçando o que virá a ser em 1915 a sublimação como possível vicissitude da pulsão.

Vemos com isso, o autor assinalando, desde cedo, o aspecto plástico da pulsão e da sexualidade. Estas, de fato não condizentes com a noção de instinto, parecem mais do que outra coisa subvertê-la, tornando assim a distinção entro o normal e o anormal mais frágil.

O material clínico que Freud acumula o leva a constatar, nos anos seguintes, que a sexualidade nem sempre aparecia explicitamente nos sonhos e nas fantasias, surgindo, muitas vezes por outras vias que era preciso aprender a reconhecer. Desta forma, é levado a estudar as aberrações, as perversões sexuais e a sexualidade infantil (Roudinesco e Plon, 1998).

É mais precisamente no primeiro dos “Três ensaios sobre a sexualidade”, “As aberrações sexuais”, que Freud, com o objetivo de descrever os desvios em relação ao objeto sexual, começa a tratar da pulsão, mais precisamente, da distinção entre a pulsão sexual e as demais, estando estas ligadas à satisfação de necessidades primárias. Propõe-nos Freud, logo na abertura do primeiro ensaio, uma analogia entre o que chama de pulsão de nutrição, isto é, a fome, e a pulsão sexual: “falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra ‘fome’; a ciência vale-se, para isso, de libido” (Freud, 1905, p. 128). Introduz também, além disso, o ‘objeto sexual’ – sendo aqui aquele que exerce a atração sexual – e o ‘alvo sexual’ – “[...] a ação para a qual a pulsão impele” (Loc. cit.).

Assim como para as psiconeuroses, o que então é tido como aberração sexual, a perversão, decorre, segundo Freud, de um certo encontro com o sexual durante a infância, e está ligada a um estado infantil da própria sexualidade e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

depende da existência deste. Trata-se para Freud de demonstrar que, assim como as psiconeuroses, tais ‘aberrações’ não podem, de maneira alguma, ser vistas como a expressão de uma degenerescência biológica; pelo contrário, devem ser consideradas como componentes da sexualidade humana dita normal. De acordo com o autor, é preciso, para podermos falar em degeneração, constatar por um lado “[...] uma conjugação de muitos desvios graves em relação à norma” (Ibid., p. 131) e, por outro, “[...] a capacidade de funcionamento e de sobrevivência [...] prejudicada” (Loc. cit.). Ora, diz-nos Freud, tomando como exemplo a inversão, “encontra-se a inversão em pessoas que não exibem nenhum outro desvio grave da norma” (Loc. cit.) e, “do mesmo modo, encontramo-la em pessoas cuja eficiência não está prejudicada e que inclusive se destacam por um desenvolvimento intelectual e uma cultura ética particularmente elevados” (Loc. cit.). Para além disto, Freud assinala que aquilo que em certas sociedades – no caso, a vienense burguesa vitoriana – pode vir a ser considerado como desvio da norma, em outras pode justamente vir a ser a própria norma: “[...] nos povos antigos, no auge de sua cultura, a inversão era um fenômeno freqüente, quase que uma instituição dotada de importantes funções” (Ibid., p. 132).

Também não seria possível, diz-nos Freud, dizer de uma determinada expressão da sexualidade que pode ser inteiramente adquirida. Segundo ele, ainda tratando da inversão, é possível observar como certos indivíduos

> [...] ficam sujeitos às mesmas influências sexuais (inclusive na meninice: sedução, masturbação mútua), sem por isso se tornarem invertidas ou assim continuarem permanentemente. Somos então impelidos à suposição de que a alternativa inato/adquirido é incompleta, ou então não abarca todas as situações presentes na inversão. (Ibid., p. 133)

O que o autor parece estar nos assinalando implicitamente é que, primeiramente, a escolha de um determinado objeto parece ser mais orientada por uma questão de ordem ética. Em seguida, demonstra, pela via da questão da inversão, não ser possível postular, a respeito do que determina a escolha objetal, uma teoria universal. O motivo disso deve ser buscado na própria ‘natureza’ da pulsão sexual. Muito diferentemente da fome, a pulsão sexual admite uma ampla variação de objetos e em certos casos, um importante “rebaixamento” destes.

Segundo Freud,

> a experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em conseqüência do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

> o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos mesmos encantos deste. (Ibid., p. 140)

O que aparece então de forma clara é que "o essencial e constante na pulsão sexual é alguma outra coisa" (Ibid., p. 141), isto é, sua busca pela satisfação.

O ensaio prossegue com uma ampla análise das perversões entre as quais o fetichismo – quando, "[...] o objeto sexual é substituído por outro que guarda certa relação com ele, mas que é totalmente impróprio para servir ao alvo sexual normal" (Ibid., p. 145)[8] – e o sadomasoquismo.[9]

O funcionamento pulsional se organiza em torno do que chamou zonas erógenas, isto é, partes "[...] da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade" (Ibid., p. 172) e que, por desempenharem outras atividades somáticas, servem de apoio para o que o autor chamou de pulsões sexuais.

Tomando o exemplo da pulsão oral, o autor se deterá nas formas particulares de práticas eróticas ligadas aos lábios e à boca que são integradas por Freud no quadro geral da sexualidade oral. A satisfação decorrida da necessidade de nutrição, obtida através do sugar, se torna fonte de prazer, e conseqüentemente os lábios se transformam em zona erógena, originando assim uma pulsão parcial. Posteriormente, tal pulsão, cujo caráter sexual está ligado ao processo de erotização da zona corporal escolhida, separa-se de seu objeto de apoio, torna-se autônoma e passa por fim a funcionar de forma auto-erótica, operação central para o estabelecimento do que Freud virá chamar de narcisismo primário, resultante da convergência das pulsões parciais para o 'eu', e não mais uma zona corporal específica.

Segundo Freud,

---

[8] Tratando do fetichismo, Freud assinala que "[...] o ponto de ligação com o normal é proporcionado pela supervalorização psicologicamente necessária, que se propaga inevitavelmente por tudo que o que está associativamente ligado ao objeto. Por isso certo grau desse fetichismo costuma ser próprio do amor normal, sobretudo nos estágios de enamoramento em que o alvo sexual é inatingível ou sua satisfação parece impedida" (Freud, 1905, p. 146). É possível ler nisso uma retomada de elementos já esboçados por Freud no *Projeto* e que a partir de 1911 com "Formulações sobre o os dois princípios do funcionamento mental", será cunhado como 'princípio de realidade'.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

> os órgãos do corpo fornecem dois tipos de excitações, baseadas em diferenças de natureza química. A uma dessas classes de excitação designamos como o que é especificamente sexual e referimos-nos ao órgão em causa como a "zona erógena" da pulsão parcial que parte dele. (Ibid., p.159)

Freud, não estando em condições de realmente estabelecer a diferença, do ponto de vista químico, entre a pulsão e outros estímulos endógenos, busca, por meio dessa afirmativa, mais do que qualquer coisa, assinalar o caráter diferencial da pulsão. A pulsão não vem do corpo, mas se apóia nele (Garcia-Roza, 2000).

Em um trecho acrescentado em 1910 aos *Três ensaios*, Freud proporá a seguinte definição de pulsão:

> por "pulsão", podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-lo do "estímulo", que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese [...] mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como medida de exigência de trabalho feita à vida anímica. (Loc. cit.)

Segundo o autor, o que distinguirá as pulsões entre si e lhes dará propriedades específicas são então as relações com suas fontes somáticas e seu alvo.

Destacamos do fim do primeiro ensaio duas importantes conclusões. Primeiramente que "a extraordinária difusão das perversões força-nos a supor que [...] a predisposição às perversões [não] é uma particularidade rara, mas deve, antes, fazer parte da constituição que passa por normal" (Ibid., p. 162) e, por fim, a "fórmula" segundo a qual "[...] os neuróticos preservam o estado infantil de sua sexualidade ou foram retransportados para eles" (Loc. cit.).

O segundo ensaio consiste em uma exposição das variações sexuais da sexualidade infantil afirmando desta que seu principal componente seria a disposição perverso polimorfa.

Se Freud dedica um ensaio inteiro à sexualidade infantil é porque, segundo o próprio, "um estudo aprofundado das manifestações sexuais da infância [...] nos revelaria os traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes" (Ibid., p. 163).

---

[9] Segundo Freud, é possível correlacionar crueldade e pulsão sexual à história da civilização humana. Freud voltará a essa idéia nos textos dos anos 1920, com a postulação da pulsão de morte, ainda que a submetendo a uma importante torção.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

De início, o autor aproxima a amnésia infantil, responsável pelo desconhecimento da sexualidade infantil e pelo mito da infância inocente, à amnésia que observa em neuróticos em relações a eventos posteriores, e cuja principal característica consiste em um afastamento da consciência, isto é, o recalque. Segundo Freud, se assim é, é porque a sexualidade dos psiconeuróticos "[...] preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele" (Loc. cit.). Aliás, de acordo com o autor, isso que é esquecido pelo sujeito, é justamente o que deixou rastros – ou, por que não, retomando o que havia proposto no *Projeto*, 'sulcos' – em nossa vida anímica, tornando-se, desta forma, determinantes para os desenvolvimentos posteriores.

> A amnésia histérica, que está a serviço do recalcamento, só é explicável pela circunstância de que o indivíduo já possui um acervo de traços mnêmicos que deixaram de estar à disposição da consciência e que agora, através de uma ligação associativa, apoderam-se daquilo sobre o que atuam as forças repulsoras do recalcamento. Pode-se dizer que sem amnésia infantil não haveria amnésia histérica. (Loc. cit.)

É então que Freud volta à questão da zona erógena e, pelo viés do chuchar, se propõe a um estudo dos traços essenciais da atividade sexual infantil. Segundo o autor, o que determina o chuchar é a busca de um prazer já vivenciado e agora relembrado, tendo a criança se familiarizado com ele pelo mamar. Quando dessa atividade, "[...] os lábios de uma criança comportaram-se como *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa" (Ibid., p. 171). Freud nos dá assim mais informação acerca da idéia de apoio em funções somáticas vitais: "a princípio a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente dela" (Loc. cit.). Posteriormente a "[...] necessidade de repetir a satisfação sexual" (Loc. cit.) se desvincula da necessidade de alimentação – por conta, entre outros, do aparecimento da primeira dentição – e a criança passa a escolher uma parte do próprio corpo por ser, de um lado, mais cômodo, mas também, por torná-lo independente do mundo externo que "[...] ainda não consegue dominar" (Loc. cit.).[10]

Apesar de existirem, como mostra o exemplo do chuchar, zonas erógenas predestinadas, Freud assinala que "[...] qualquer outro ponto da pele e da mucosa

[10] Essa idéia será retomada em 1920 com o *fort-da.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena [...]" (Ibid., p. 173). Desta forma, é mais a qualidade do estímulo do que a natureza das partes do corpo que têm a ver com produção de sensação prazerosa.

A erogeneidade da zona anal, por sua vez, desempenha um papel de suma importância para o desenvolvimento subjetivo da criança. De acordo com o autor, as crianças podem tirar grande proveito da sensibilidade aos estímulos da zona erógena anal, posto que, por exemplo, a retenção excessiva das fezes provoca, no momento da evacuação, uma intensa estimulação na mucosa anal (Ibid.). Freud chama a atenção para os casos em que o bebê se recusa de forma obstinada a esvaziar o intestino, assinalando que o que está em jogo é o dividendo de prazer que acompanha a evacuação, mesmo que tal volúpia se produza de forma simultânea a sensações dolorosas.

Nos primeiros momentos da infância, na fase do desenvolvimento que corresponde ao momento em que o bebê está aprendendo a controlar os esfíncteres, as fezes são tratadas

> [...] como parte de seu próprio corpo representando o primeiro 'presente': ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação. (Ibid., p. 176)

Quanto à zona genital, o autor nos diz que sua primazia se estabelece, mais do que por um suposto instinto, por sua posição anatômica, pelas secreções que estão banhadas, pela lavagem e fricção advindas dos cuidados com o corpo e por certas excitações acidentais (como a migração de vermes intestinais nas meninas) [...]" (Ibid., p. 177) tornando assim inevitável que "[...] a sensação prazerosa que essas partes do corpo são capazes de produzir se faça notar à criança já na fase da amamentação, despertando uma necessidade de repeti-la" (Loc. cit.).

Outro tipo de excitação, sendo esta de particular relevância para nossa discussão, é a que Freud chamou de mecânica. Trata-se da produção de excitação sexual pela agitação mecânica e ritmada do corpo.

Por fim, o autor nos diz que todos os caminhos que, vindo de outras funções, levam à sexualidade são igualmente passíveis de serem percorridos na direção inversa:

> por exemplo, se o fato da zona labial ser patrimônio comum de duas funções é a razão por que a ingestão de alimentos gera uma satisfação sexual, esse mesmo fator nos permite compreender que haja distúrbios na nutrição quando as funções erógenas da zona comum são perturbadas. E, uma vez que sabemos que a concentração de atenção é capaz de provocar excitação sexual, somos levados a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

> supor que, atuando pela mesma via só que em sentido inverso, o estado de excitação sexual pode influenciar a disponibilidade de atenção dirigível a algo. (Ibid., p. 194)

Assim, as mesmas vias através das quais as perturbações sexuais se propagam para outras funções corporais, são capazes de se prestarem, em outras circunstâncias, a outros destinos, notadamente à sublimação.

Por fim, o terceiro e último ensaio trata das transformações na puberdade. Freud volta aqui a abordar, dentre outras coisas, o problema da tensão sexual e de como esta se vincula ao prazer, problema este que, já figurava no *Projeto* de 1895. Segundo o autor, "o caráter de tensão sexual suscita um problema cuja solução é tão difícil quanto seria importante para a compreensão dos processos sexuais" (Ibid., p. 197). Freud mantém que um sentimento de tensão é obrigatoriamente acompanhado de desprazer. Menciona um problema referente à sua teoria do princípio do prazer: a tensão decorrente da excitação sexual, tensão "[...] esta que é inequivocamente experimentada como prazerosa" (Loc. cit.).

Interessa-nos um comentário do autor, no qual aborda a questão da beleza.

> O olho, talvez o ponto mais afastado do objeto sexual, é o que com mais freqüência pode ser estimulado, na situação de cortejar um objeto, pela qualidade peculiar cuja causa no objeto sexual costuma ser chamada de 'beleza'. (Ibid., p. 198)

Se destacamos essa parte é por nos remeter ao que dissemos no início desta dissertação a respeito do belo em Freud, isto é, sua ligação íntima com a sexualidade e com tudo que isso acarreta.

Terminaremos nosso apanhado sobre os "Três ensaios..." com o que Freud (Loc. cit.) nos diz sobre o encontro com o objeto.

Segundo ele, durante os processos da puberdade firma-se o primado das zonas genitais. Simultaneamente,

> [...] consuma-se no lado psíquico o encontro do objeto para qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância. Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. (Ibid., p. 210)[11]

É somente mais tarde, ao perder esse objeto, que o auto-erotismo se estabelece. "Não é sem boas razões, diz-nos o autor, que, para a criança, a amamentação no seio materno torna-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro" (Loc. cit.).

[11] Isso será retomado por Lacan em seu seminário sobre a angústia.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

Adiantando-nos, Lacan (1959-60) dirá, quanto a isso, que tal objeto, nós nunca o reencontramos. Reencontramos, no máximo, suas coordenadas de prazer.

3.3
Primeiro dualismo pulsional: as pulsões do eu e as pulsões sexuais

Em 1910, em "A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão", Freud enuncia um primeiro dualismo pulsional nisto que a montagem pulsional anteriormente proposta parecia não se aplicar adequadamente às pulsões não sexuais.

Segundo Freud (1910), encontramos na origem de certas perturbações psicogênicas um conflito entre tipos diferentes de pulsão. Temos assim, operando de um lado, um tipo cuja energia é de ordem libidinal – Freud explicita em nota: "o termo libido designa apenas a energia das pulsões sexuais" (Freud, 1910, p. 224) – que logo "[...] favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual [....]" (Ibid., p. 223) e, opondo-se a elas, as pulsões de autoconservação ou pulsões do eu, cujo objetivo é a conservação do indivíduo: "como disse o poeta [Schiller, em *Die Weltweisen*], todas as pulsões orgânicas que atuam em nossa mente podem ser classificadas como fome e amor" (Ibid., p. 224).

Um ano depois, com "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", Freud (1911b) distribui esses dois grupos pulsionais de acordo com as modalidades de funcionamento do aparelho psíquico: as pulsões sexuais encontram-se sob o domínio do princípio de prazer[12], enquanto que as de autoconservação ficam a serviço do desenvolvimento psíquico determinado pelo princípio de realidade.

Diz-nos Freud, em 1911, ser característico do neurótico afastar-se da realidade, por achá-la insuportável. Isso se explica pelo fato dos processos mais antigos do psiquismo estarem ligados ao principio de prazer.

> Estes processos, esforçam-se por alcançar prazer; a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer. (Aqui, temos o recalque). Nossos sonhos à noite, e quando acordados, nossa tendência a afastar-nos de impressões aflitivas são resquícios do predomínio deste princípio e provas de seu poder. (Freud, 1911b, p. 238)

[12] Segundo Strachey, seria aqui que Freud teria usado pela primeira vez a construção 'princípio de prazer'. Cf. Freud, 1911, p. 238, nota 1.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

A solução primeira do aparelho psíquico é, frente a um desprazer causado por uma necessidade 'interna', de alucinar o que viria satisfazer tal necessidade. No entanto, a ausência da satisfação esperada e o desapontamento experimentado levam ao abandono de uma tentativa de satisfação por uma tal via. Surge assim, outro tipo de funcionamento psíquico, o princípio de realidade, que passa este a levar em conta certos dados da realidade com o objetivo de efetuar nela mudanças que eliminem o desprazer.

Assim, o princípio de prazer e o princípio de realidade são descritos como princípios que regem o funcionamento psíquico. Ao passo que o primeiro busca a evitação de desprazer e a obtenção sem limites e imediata de prazer, o segundo por sua vez impõe ao primeiro modificações e restrições necessárias, que ainda que adiem o prazer, tem como objetivo final a evitação do desprazer e obtenção de satisfação. Trata-se assim de um princípio regulador, pela via do qual a busca do prazer não é feita pelo caminho mais curto, mas em função do que o mundo exterior impõe como condição para a obtenção da satisfação.

A partir daí, a consciência passa a abranger, em acréscimo às qualidades de prazer e desprazer que eram até então o seu exclusivo interesse, qualidades sensoriais – por meio dos órgãos dos sentidos. Daí decorre a 'atenção' – "[...] função [que tem] de periodicamente pesquisar o mundo externo caso surgisse urgência interna a ser satisfeita" (Ibid., p. 239) – a memória –, sistema de "*notação"*, cuja tarefa é "[...] assentar os resultados desta atividade periódica da consciência (Loc. cit.) – e uma *passagem de julgamento imparcial* – cujo objetivo é enfim decidir se uma idéia determinada é verdadeira ou falsa, "[...] isto é se [acha] ou não em concordância com a realidade, [...] decisão que [é] determinada efetuando-se uma comparação com os traços de memória da realidade" (Loc. cit.).

Freud diz-nos então, que se de fato parece haver substituição do princípio de prazer pelo de realidade, isso "[...] não implica sua deposição, mas apenas sua proteção" (Ibid., p. 242). Dito de outra forma, funcionando como sistema no qual o objetivo é tentar se haver com as contingências da realidade que impedem o prazer imediato e acarretam desprazer, o princípio de realidade esta a favor do princípio de prazer: "um prazer momentâneo, incerto quanto a seus resultados, é abandonado mas apenas a fim de ganhar mais tarde ao longo do novo caminho, um prazer seguro" (Loc. cit.).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

A arte, diz-nos Freud, parece ser o que ocasiona uma peculiar conciliação entre os dois princípios. O artista, não disposto a renunciar à satisfação pulsional que o princípio de prazer busca, seria aquele que se abandona, concedendo aos seus desejo eróticos uma liberdade completa por meio da fantasia. Esta, segundo Freud, é o "[...] ponto fraco de nossa organização psíquica [...]" (Ibid., p. 241), pode ser empregada "[...] para restituir ao domínio do princípio de prazer processos de pensamentos que já se haviam tornado racionais" (Loc. cit.), estando assim intimamente ligado à neurose – mas que encontraria um caminho de volta à realidade por meio de dons específicos e transformaria "[...] suas fantasias em *verdades* de um novo tipo" (Loc. cit. – grifo nosso) valorizadas pelo coletivo dos homens como "[...] reflexos preciosos da realidade" (Loc. cit.).

3.4
O narcisismo

Em 1914, com "O narcisismo: uma introdução", a teoria pulsional vai estar sujeita a importantes mudanças e o dualismo proposto em 1911 será subvertido. É aqui que Freud introduz o conceito de *narcisismo*, segundo o qual o eu também passa a ser objeto de investimentos pulsionais de ordem libidinal. O conceito é assim chamado a partir do mito grego de Narciso.

Na tradição grega, a história de Narciso é a de um belo, mas insensível, jovem que provocara indiretamente a cólera da deusa Nêmesis que fez então com que o jovem se apaixonasse pela própria imagem refletida em um lago. Capturado pelo seu próprio reflexo, Narciso se deixa morrer em contemplação.

Voltando ao ensaio, Freud, logo na primeira frase, define rapidamente o narcisismo segundo a denotação de Paul Näcke como "[...] a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é tratado" (Freud, 1914c, p. 81), traço este que, segundo se arrisca o autor, é passível de encontrar um lugar no curso regular do desenvolvimento humano. Não tanto uma perversão, o narcisismo seria mais "[...] o complemento libidinal do egoísmo da pulsão de autopreservação, que, em certa medida pode ser justificavelmente atribuída a toda criatura viva" (Loc. cit.).

Foi a partir de suas observações sobre as psicoses e da leitura dos trabalhos de Bleuler e Kraepelin, que Freud observa como, na psicose, ocorre uma retirada

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

da libido dos objetos externos e uma reversão desta para o eu, transformando-o assim em um objeto de investimento e amor. Essa extensão da teoria da libido ganharia reforço a partir da observação da vida psíquica das crianças e dos povos ditos 'primitivos' onde é possível encontrar, em um nível coletivo, o que, no ocidente 'civilizado', é encontrado na megalomania, isto é,

> [...] uma superestima do poder de seus desejos e atos mentais, a 'onipotência de pensamentos', uma crença na força taumatúrgica das palavras, e uma técnica para lidar com o mundo externo – 'mágica' – que parece ser uma aplicação lógica dessas premissas grandiosas. (Ibid., p. 83)

Segundo essa nova reformulação, as pulsões sexuais parecem estar, por um lado, dirigidas ao eu (libido narcísica) e, por outro, aos objetos externos, (libido objetal). De acordo com Freud, haveria uma antítese entre os dois tipos de libido: quanto mais uma é empregada, mais a outra é esvaziada. A fase máxima da libido objetal corresponderia ao estado de apaixonamento, ao passo que a do narcisismo corresponderia ao delírio paranóico. O autor ressalta, no entanto, que no narcisismo ambas coexistem concomitantemente, posto que "somente quando há investimento objetal é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia das pulsões do eu" (Ibid., p. 84).

Existiria então logicamente uma relação a ser delimitada entre narcisismo e autoerotismo. De acordo com Freud, é possível supor que o eu como unidade tem de ser desenvolvido, não existindo originalmente. Assim, para que o narcisismo venha a ser, é preciso que ao auto-erotismo, presente este sob a forma de pulsões auto-eróticas, algo seja acrescentado, isto é, uma nova ação psíquica.

Freud indica então que "a diferenciação de libido numa espécie que é adequada ao eu e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu" (Ibid., p. 85).

No *Projeto* Freud (1895) afirma que o aparelho psíquico recebe, a partir do que lhe é exterior, uma quantidade denominada *Q* dispersa e de magnitude diversa. Sua função é de ordenar esse caos de intensidades dispersas, transformá-las e tornar efetiva, quando possível, determinada ação específica que evitará um acúmulo de tensão e logo o desprazer.

Isso é retomado por Freud em 1914 quando reafirma que o aparato psíquico deve ser concebido como um "[...] dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como aflitivas ou teriam efeitos patogênicos"

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

(Ibid., p. 92). As pulsões em suas vertentes tópica e econômica,estão em relação ao aparato psíquico em uma posição de alteridade. Não são do corpo nem tampouco do aparato (Garcia-Roza, 2000). Como nos é dito nos “Três ensaios...”, a pulsão, antes de vir do corpo, se apóia nele.

Em um trecho acrescentado aos “Três ensaios” em 1915, Freud afirma que a libido do ‘eu’ é capaz de “[...] se concentrar nos objetos, fixar-se neles ou abandoná-los, passar de uns para outros e, partindo dessas posições, nortear no indivíduo a atividade sexual que leva à satisfação” (Freud, 1905, p. 206), isto é, à extinção parcial e temporária da libido. Ao inverso, esta também pode ser retirada dos objetos e ser trazida de volta para o eu, ou seja, ser convertida novamente em libido do ‘eu’ ou libido narcísica. Assim, segundo Freud (1914c), a libido narcísica se apresenta como o grande reservatório de onde partem os investimentos de objeto e no qual voltam a ser recolhidos; o investimento libidinoso do ‘eu’ aparece como o estado originário realizado na primeira infância, apenas encoberto pelas emissões posteriores de libido, mas que no fundo se conserva por trás delas (Ibid.).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

3.5
As vicissitudes da pulsão

Em 1915, com o texto “As pulsões e suas vicissitudes”, Freud dedica um de seus artigos sobre a metapsicologia exclusivamente à pulsão.

A pulsão, conceito obscuro, diz-nos Freud (1915b), é um *Grundbegriffe*, isto é, um conceito fundamental. Freud, enquanto bom epistemólogo, diz Lacan (1964), assinala que a partir do momento em que se introduz um conceito na ciência, este pode ser ou mantido ou rejeitado. Segundo Lacan, ele será mantido se traçar a via no real em que se trata de penetrar.

O ensaio começa retomando o que alhures já fora dito a respeito do conceito. As pulsões não vêm do mundo exterior, mas surgem de ‘dentro’ do próprio organismo – o que inclusive impossibilita uma fuga – e, contrariamente ao estímulo, que imprime um impacto momentâneo, a pressão da pulsão é constante. Assim, diz-nos Freud, o melhor termo para caracterizar o estímulo pulsional seria a ‘necessidade’, sendo que o que elimina uma necessidade é a ‘satisfação’, o que

pode apenas ser alcançado por uma alteração ‘adequada’ da fonte interna de estimulação (Ibid.).

Retomando a definição de pulsão proposta em 1910 e acrescentada aos *Três ensaios*, Freud diz da pulsão

> [...] como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em conseqüência de sua ligação com o corpo. (Id., 1905, p. 127)

O autor a apresenta a partir de seus quatro termos: *Drang*, o empuxe, *Quelle*, a fonte, *Objekt*¸ o objeto e *Ziel*, a meta.

O empuxe de uma pulsão, “[...] seu motor, a quantidade de força ou a medida da exigência de trabalho que ela representa [...]” (Id., 1915b, p. 127), é, segundo Freud, a própria essência da pulsão, uma vez que toda pulsão é uma peça de atividade. Trata-se de um estímulo, mais de estímulo diferente daquele proveniente do mundo externo, isto é, um estímulo “[...] aplicado ao tecido vivo (substância nervosa) a partir *de* fora [que] é descarregado por ação *para* fora” (Ibid., p. 124); o estímulo de que se trata na pulsão não tem a ver nem com a fome, nem com a sede, nem tampouco com qualquer outra necessidade do organismo biológico.

A meta da pulsão sempre é a satisfação que só pode ser obtida mediante a eliminação do estado de estímulo na fonte da mesma. Ainda que a finalidade última de cada pulsão não mude, os caminhos que conduzem a ela podem ser vários. Isso resulta, segundo Freud, que a pulsão possa buscar metas intermediárias ou mais próximas, combinadas ou intercambiáveis umas com as outras. É possível também, afirma o autor, falar de pulsões inibidas em suas metas quando a satisfação pulsional não é atingida. Falamos então de satisfação parcial da pulsão, quando os processos que dão acesso à satisfação são inibidos ou defletidos.

O objeto da pulsão é isso em relação ao quê ou através do quê esta consegue atingir a satisfação, isto é, sua meta. Trata-se do que há de mais variável na pulsão sendo que originalmente, pulsão e objeto são independentes um do outro. A única exigência é que seja peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação pulsional. Como assinala Freud (1915b), tal objeto pode ser modificado quantas vezes forem necessárias; tal deslocamento desempenha importantes papéis. Pode

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

inclusive ocorrer que um mesmo objeto sirva para a satisfação de mais de uma pulsão. Por fim, Freud nos diz que também pode ocorrer uma ligação particularmente estreita entre a pulsão e seu objeto, ocorrendo assim o que chamou de ‘fixação’.

A fonte de uma pulsão é o processo somático que ocorre em um órgão ou em parte do corpo e cujo estímulo é representado no psiquismo por uma pulsão. Freud nos diz aqui que embora as pulsões sejam inteiramente determinadas por sua origem em uma fonte somática, no psiquismo são apenas conhecidas por sua meta. Em termos qualitativos, todas as pulsões são semelhantes.

É aqui que Freud retoma a discussão sobre a diferença entre pulsões do ‘eu’ e pulsões sexuais, radicalizando o que havia começado a dizer em 1914: a distinção entre esses dois tipos de pulsão “[...] não tem *status* de postulado necessário [e] não passa de uma hipótese de trabalho a ser conservada apenas enquanto for útil” (Freud, 1915b, p. 129).

Além dessas quatro características da pulsão, o autor também nos apresenta os quatros destinos ou vicissitudes possíveis das pulsões sexuais: o recalque, a reversão, o retorno em direção ao eu e a sublimação. Destes, Freud retoma a reversão e o retorno, supostamente reservando aos dois outros um artigo para cada. Se Freud de fato incluiu nos textos da metapsicologia um trabalho sobre o recalque, de acordo com Strachey, o ensaio sobre a sublimação pode ter sido extraviado.

Não nos deteremos nesses pontos. Diremos somente que segundo o autor, reversão e retorno devem ser consideras como modalidades de defesa contra as pulsões, uma vez que impedem uma satisfação direta da pulsão.

A reversão de uma pulsão em seu oposto pode ser da atividade para a passividade, como é o caso dos pares sadismo/masoquismo ou voyeurismo/exibicionismo, ou de conteúdo, tal como se dá na mudança do amor em ódio. Este último exemplo lhe permite observar que o ódio não pode ser unicamente reduzido a uma imagem invertida do amor. Freud postula então a existência de uma configuração mais antiga que o amor, o que, alguns anos mais tarde, viria a ser a pulsão de morte. Trata-se, assinala o autor, quando da exemplificação do processo através do sadismo/masoquismo, de uma mudança de vozes, no sentido gramatical da apelação: “a voz ativa muda, não para a passiva, mas para a voz reflexiva média” (Ibid., p. 133).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA

Do retorno da pulsão ao ‘eu’, Freud afirma que o que a caracteriza é uma mudança de objeto, sendo então que a meta permanece inalterada. Esse redirecionamento da pulsão em direção ao ‘eu’ permite a Freud discernir a relação entre sadismo e o masoquismo, tido então como reversão de um sadismo originário, o que em 1924, Freud inverteria de forma radical em “O problema econômico do masoquismo”.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0610331/CA